

4. PREPARANDO PARA A ASSEMBLÉIA INTERNACIONAL

1. Queridos amigos responsáveis nacionais, regionais e continentais das Fraternidades Jesus+Caritas.

Que o espírito fraternal de Jesus de Nazaré esteja com vocês!

Este é o “Questionário para as fraternidades” a partir de “Chamados para o futuro” de nossa assembléia internacional do Cairo 2000, para preparar a próxima assembléia internacional de 2006.

Solicita-se de vocês:

1.- Fazer chegá-lo às fraternidades com uma cópia do “Chamados para o futuro”.

Sugerimos uma meia hora para cada reunião.

2.- Seguindo este itinerário:

- Entrega às fraternidades: até o fim de novembro
- Trabalho em fraternidades: novembro de 2004 - março de 2005
- Enviá-lo aos regionais: Páscoa de 2005
- Síntese das regiões: até 15 de junho de 2005
- Envio aos responsáveis continentais e equipe internacional: inícios de agosto
- Assembléia de responsáveis continentais: Europa, 22 a 26 de agosto de 2005
- Assembléia internacional: novembro de 2006

3.- Perguntas exclusivas para os responsáveis nacionais e regionais:

(Chamados para o futuro N^{os}. 5 e 6)

Como funcionam nossas estruturas em nível de país, região e continente?

Quais são as sugestões para os responsáveis em nível local, regional ou continental?

No nível da Equipe de serviço internacional, quais são as sugestões em relação a:

- ❖ Comunicações
- ❖ Duração do mandato
- ❖ Número
- ❖ Disponibilidade de tempo
- ❖ Descentralização
- ❖ O responsável ou a equipe responsável

A informação: boletins, cartas, visitas? Como assegurar a “universalidade” e a “autonomia”?

4.- A informação da Equipe de Serviço Internacional:

Receberam as cartas anuais dos encontros da equipe internacional a partir de 2001?

Receberam a “Carta anual às fraternidades” de 2002, 2003 e a de 2004 (em preparação). O relatório das visitas e dos desafios da vida das fraternidades nos diversos continentes? É um vínculo de universalidade? Desculpo-me pela demora. Devo confessar que a comunicação entre Félicien, Tony, Helmut e eu não tem sido fiel ao “lavar os pés” que nos propusemos. Somos servos inúteis... o Mestre do impossível faz maravilhas apesar de nós.

San Antonio de Colo, 18 de outubro de 2004

Um abraço fraterno,

Mariano.

QUESTIONÁRIOS PARA AS FRATERNIDADES

De acordo com os “Chamados para o amanhã” da Assembléia internacional do Cairo 2000, para preparar a Assembléia internacional de 2006.

I - Missão e compromisso profético: (Para dialogar em fraternidade)

- 1.- Em nossas culturas e nossas Igrejas, quem são os que consideramos testemunhas e profetas para os nossos tempos? Qual a relação com o testemunho do Irmão Carlos?
- 2.- Como re-criaram a Igreja a partir da “opção pelos pobres na fidelidade ao Espírito? Como seu testemunho interpela a Igreja (institucional) e a nossas fraternidades?
- 3.- Como vivemos a pobreza no nosso dia a dia, no espírito de Nazaré? Como vivemos nossas próprias pobreza?
- 4.- Numa sociedade de consumo, como enfrentamos a tendência da Igreja de centralizar-se em si mesma?

- 5.- Estamos comprometidos, em nível social e eclesial, em organizações nacionais e internacionais, na busca de uma “sociedade alternativa”.

Perguntas a responder:

Como somos ajudados em fraternidade a viver pobremente por amor a Jesus e o Evangelho, a viver junto dos pobres, como irmãos, a “assumir a causa dos pobres”? (Testemunhos pessoais e coletivos).

II) - Abertura a outras culturas (Para dialogar em Fraternidade)

- 1.- Quais são nossas relações com outras culturas, religiões, ecumênicas... com as quais nossas fraternidades convivem?

Pergunta para responder:

Que experiências de inculturação do Evangelho, no espírito de Nazaré, podemos partilhar em nível político, religioso, ecumênico, eclesial...?

III) - Viver em Igreja:

- 1.- Estamos em movimento leigo como Igreja dos Pobres?
[¿Estamos en movimiento laico como Iglesia de los Pobres?]
- 2.- Nossas Fraternidades, estão a serviço do Reino? Ou cederam à recuperação eclesiástica?
- 3.- Quais são os “projetos de Igreja dos membros de nossas fraternidades?” (cf. Ronaldo Muñoz em Sto. Domingo: Igrejas de comunhão e participação, proféticas, celebrativas, solidárias, missionárias).
- 4.- Como vivemos nossa vocação de “irmãos universais”?:
- com irmãos do presbitério
 - com irmãos que deixaram o ministério
 - com irmãos em dificuldades
- 5.- Somos mais “irmãos” do que “padres” em nossas comunidades, com os pobres, os excluídos?
- 6.- Quais são as condições para passar da categoria de “padre” à de “irmão”?

Perguntas para responder:

Como fazer de nossas fraternidades verdadeiras escolas de “fraternidade universal”?

IV) - O espírito da Fraternidade:

1. O Irmão Carlos era um “homem do vento” (cf. Jo 3,8). Estamos dispostos a nos deixar levar pelo vento em nossas diferentes histórias?
2. Que “loucos de Deus”... loucos de Fraternidade... loucos do Evangelho”...louco dos pobres... produzem nossas Fraternidades?
3. Como fazer de nossas fraternidades (sobretudo por meio da revisão de vida), escolas de radicalidade no seguimento de Jesus e seu Espírito, no compromisso com o Reino para os pobres?
4. Por que nossas fraternidades atraem sobretudo sacerdotes que procuram um espaço de partilha, de acolhida fraterna... e tão pouco os que buscam a construção de uma “terra nova” por amor a Jesus?
5. Por que nossas fraternidades não atraem hoje irmãos das fronteiras da Igreja em níveis místicos, teológicos, psicológicos, políticos... ?
6. Por que não atraem tampouco sacerdotes mais tradicionais (de colarinho romano), que querem ser fiéis à Igreja do Papa João Paulo II, à Eucaristia, à adoração e que amam o Irmão Carlos?
7. Quais são os nossos esforços para difundir a vida e os escritos do Irmão Carlos (livros, revistas, vídeos, retiros, congressos...) entre nossos irmãos sacerdotes, seminários, igrejas? Que publicações nos ajudam a manter laços com outros continentes, países, regiões...?
8. O mistério de Nazaré consiste em viver o extraordinário no ordinário de nossas vidas. Como nos ajudamos fraternalmente a viver este mistério como “fermento na massa” (testemunhas)?

Perguntas para responder

Diante de um certo “envelhecimento” de algumas fraternidades, que críticas nos atrevemos humildemente a nos fazer? Que iniciativas estamos tomando para oferecer a outros nossa experiência espiritual em fraternidade?

V) - Os caminhos da Fraternidade

a) Uma oração contemplativa e a Eucaristia:

- 1) Estamos realmente convencidos de que sem oração contemplativa, ligada à história (social, eclesial, pessoal), não há “Revisão de Vida” que conecte com o desígnio de Deus sobre nossas vidas?
- 2) Nossas Eucaristias:
 - que relação têm com a Páscoa de Jesus?
 - que relação têm com a “pasqualização” da história humana?
 - que participação tem o povo na homilia e na ação de graças?
 - qual a relação entre - Celebração eucarística
 - Adoração eucarística
 - Solidariedade com os pobres?

Perguntas para responder:

Que caminho seguir para fazer de nossas fraternidades verdadeiras “Escola de oração e de celebração eucarística?

(Celebração eucarística, oração contemplativa e espiritualidade do deserto, meditação da Palavra, oração de adoração eucarística, discernimento).

b) Revisão de Vida

- 1.- É como o “sacramento da Fraternidade? Onde o Espírito de Jesus nos conduz, em nossas próprias histórias, por meio das pessoas?
- 2.- Temos realmente “necessidade dos outros” para re-avisar nossas vidas, à luz de Jesus?
- 3.- É a ocasião para assumirmo-nos uns aos outros?
- 4.- Somos “tíbios” diante da radicalidade do Espírito? (Ap 3, 15-16).
(alguns irmãos dizem: “Estamos dispostos a partilhar nossa vida... não a rever nossa vida com outros”. Outros dizem: “Nós nos transformamos em Sociedade de Auxílio mútuo”.)
- 5.- Quais são as nossas experiências positivas em relação à revisão de vida?

Perguntas para responder

Que passos dar para que a revisão de vida seja como o sacramento de nossa vida em fraternidade?

c) O Mês de Nazaré

- 1.- Fizemos a experiência? Que graças do Senhor Jesus podemos partilhar? Que dificuldades? Sua dimensão de universalidade.
- 2.- Como exigência da “plena incorporação a uma fraternidade. Que experiências partilhar?

Pergunta para responder

Experiências e desafios para o Mês de Nazaré em nossas fraternidades

d) A Fraternidade

- 1.- Nela se criam laços que vão além das reuniões e dos retiros? Quais são as iniciativas junto aos irmãos isolados, os que deixaram o ministério?
- 2.- Quais são nossas relações pessoais e em fraternidade com os irmãos e as irmãs da família espiritual do Irmão Carlos de Foucauld?

Que Tema sua Fraternidade propõe para ser partilhado em nossa Assembléia Mundial de 2006?

2. Respostas ao Questionário do Pe. Mariano.

1- Como somos ajudados em fraternidade a viver pobremente por amor a Jesus e no Evangelho, a viver junto aos pobres como irmãos e assumir a causa dos pobres?

Grupo Região Sul

As reuniões mensais têm ajudado muito no bom andamento das fraternidades: a revisão de vida que se faz, tem nos ajudado a estabelecer limites, a correção fraterna, ajuda na tomada de decisões importantes. “Isso é de grande valor, em minha vida”, testemunhou um dos presentes.

Tem-se a tentação de se perder o espírito profético, caindo na acomodação. A espiritualidade ajuda-nos a manter o espírito profético na missão, porque é constante o apelo para estar junto das realidades humanas mais sofridas.

A fraternidade é assim um apóio para não se acomodar.

A mística da fraternidade não é passiva mas ativa, leva-nos a realizar algo concreto; assume-se assim uma postura para inserir-se na realidade dos irmãos mais pobres morando com eles, inseridos na sua vida cotidiana

É preciso organizar projetos diocesanos para atender estas realidades sofridas.

Há padres recém-ordenados que não querem exercer seu ministério nas periferias.

Ter desapegos dos bens materiais, saber compartilhar e conviver com o necessário.

Fazer o propósito de organizar a convivência sacerdotal nas paróquias, nunca ficando o padre sozinho na mesma.

A Igreja assume a causa dos excluídos

O padre jovem não se deixa levar pelas vantagens e comodidades da vida presbiteral tais como: casa confortável, paróquia bonita e moderna, carro do ano de marca reconhecida e chave do cofre com bom saldo bancário.

O padre precisa ser generoso e compartilhar a vida com o povo, ter paixão pelo Reino e ser fiel seguidor de Jesus Cristo.

A influência da fraternidade é um horizonte referencial; não somos operários funcionais, mas assumimos um estilo de vida

Procurar viver o último lugar tendo o propósito de servir sempre, aceitar o trabalho que ninguém quer assumir os limites da existência.

Ser menos formal e mais informal evitando a hierarquização da fraternidade.

Grupo: Sudeste

Os encontros nos dão uma lição de humildade e de pobreza, por meio do testemunho dos irmãos.

O contato com irmãos de realidades mais simples e pobres nos ajuda a viver pobremente.

Os encontros nacionais ajudam a relativizar as situações de riquezas em que muitas vezes nos encontramos.

Viver no último lugar é fazer o que ninguém quer fazer.

A fraternidade nos ensina a viver a pobreza também como abertura e acolhimento do diferente.

A pobreza não é apenas um lugar social, mas espiritual e existencial.

A adoração ao Santíssimo Sacramento e a partilha de vida nos ajudam a viver a pobreza.

A partilha ajuda o padre a colocar os pés no mundo e a abrir os olhos ao mundo da pobreza.

A fraternidade nos ajuda a ver que o essencial é Jesus Cristo.

O testemunho dos irmãos engajados nas lutas sociais nos ajudam também, assumir a causa dos pobres.

O testemunho de pobreza de outros irmãos que vivem alegremente nos ajuda a querer vivê-la.

A fraternidade desinstala, questiona e mexe na pessoa, levando-a a pensar no seu compromisso com os pobres e com Jesus.

A fraternidade ajudou-nos a ver que o mais importante é estar a serviço sempre e que é preciso deixar de lado o poder como forma de “anti-testemunho”.

A partilha econômica entre irmãos é uma forma que nos ensina a viver junto aos pobres.

O acolhimento simples, mas familiar dos outros irmãos em sua casa revela a capacidade de viver junto aos pobres.

Grupo Região Norte

A fraternidade é uma grande ajuda pelo próprio fato de possibilitar o encontro de pessoas com o mesmo ideal.

Quanto a pobreza: a tentação é querer se apegar à ajuda, ao “salário” que vem do estrangeiro; mas existe também a partilha com os padres que não têm salário suficiente. Este é um ponto que ninguém controla, depende do desapego para favorecer a outros.

Viver com os pobres: ceder espaços para ajudar a garantir a dignidade das pessoas, dignidade dos pobres.

A postura deve ser significativa quanto ao viver junto aos pobres, sendo sinais. O povo sente, através dos sinais concretos, que os padres estão ao lado dos pobres.

Ajuda através de projetos promocionais: construção de casas e doação a famílias carentes...

Grupo Região Leste:

A maioria do grupo afirmou que sua origem é de famílias pobres e simples e que, portanto, não foi preciso fazer um opção pela pobreza. Mas todos afirmaram que a fraternidade dá um sustentáculo para, a partir de nossa realidade, vivenciar a pobreza na relação com Deus, em oração e espiritualidade. Nos retiros somos alimentados pelo testemunho de muitos que vivem heroicamente nas fronteiras da luta pelos mais pobres. A mística das fraternidades leva-nos pelo menos a não fazer a opção pelos ricos e estarmos abertos para participarmos de algumas lutas dos pobres quando surgem oportunidades de maior tensão. Apresenta-se a pobreza e a simplicidade como meio de fidelidade a Deus. Não conseguimos estar junto de pobres individualmente, mas junto de organizações que existem na defesa e na promoção dos pobres.

Alguns que vivem distantes, onde não há uma fraternidade, disseram que o retiro anual os alimenta, ajuda a ver que fazemos pouco, que a instituição eclesial nos “aburgueza”, que a pobreza é sempre um desafio.

A fraternidade ajuda a limpar tudo que se interpõe entre nós e Cristo.

2- Em que medida a nossa fraternidade é escola de fraternidade universal, ecumênica, de diálogo-inter-religioso e de inculturação?

Grupo: Leste

O grupo se manifesta muito aberto.

Temos dificuldades, mas não estamos fechados. Há uma razoável acolhida. Constata-se que há um testemunho dessa abertura, isto é, um reconhecimento por parte de nossos colegas presbitérios que vivemos um espírito de fraternidade.

Grupo: Norte

Um aspecto importante da universalidade é o acolhimento.

O espírito do Ir. Carlos ajuda a abrir os horizontes, de modo particular sua vivência entre os mulçumanos, aos quais chamava de irmãos.

Abertura diante das leis canônicas.

Existe um dado preocupante: os irmãos que estiveram juntos ao longo da caminhada já não participam com frequência; isolamento.

Bom também é o relacionamento aproximativo com jovens da cultura urbana (grafiteiros e skeitistas...)

Relacionamento com o diferente:

Região Sudeste:

A fraternidade tem dois irmãos que nos ajudam a ter uma dimensão ecumênica. Um trabalha na área do ecumenismo e do diálogo inter-religioso na CNBB e o outro atua na pastoral carcerária.

Há um pastor de uma Igreja histórica que se interessa em participar dos retiros da fraternidade.

Os encontros nacionais das fraternidades estão abertos para acolher num mesmo retiro, padres, religiosas, leigos/as e seminaristas.

A dimensão da inculturação se dá pela presença, nos retiros, de pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo.

A fraternidade ensina a aproximar-se das pessoas desconhecidas.

O diálogo inter-religioso ainda é fraco na fraternidade brasileira e bem mais na Igreja no Brasil.

Alguns membros da fraternidade presidem “missas afros” em suas comunidades pelo fato de que o Brasil é um país composto por vários povos, inclusive o povo africano; a fraternidade se abre para a cultura afriacana.

O trabalho desenvolvido pelos membros da fraternidade está dentro da linha de abertura ao diferente.

A fraternidade nos ajuda a ter um diálogo entre as várias linhas e movimentos da própria Igreja Católica.

A fraternidade nos ensina princípios essenciais para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, a saber: o diálogo, tratar bem o outro, o acolhimento...

Há limites entre o bom acolhimento e o concordar com os movimentos e outras Igrejas.

A fraternidade ensina a não ter uma atitude exclusivista como o mundo contemporâneo tem.

Percebe-se a necessidade de superar as posturas legalista e canônica, para ter um acolhimento pleno da pessoa.

Perigos que dificultam o diálogo: quando a Igreja é sacramentalista e mediática.

A fraternidade nos ensina que em momento algum os irmãos devem ser motivo de distanciamento.

A aproximação do diferente se dá principalmente pelos padres que têm a consciência da necessidade de viver em fraternidade.

Grupo Região Sul:

É preciso ver no outro o rosto de Deus para aceitar o diferente.

Muitas vezes queremos que tudo seja igual. Isto não é aceitar o diferente. Formam-se assim guetos, onde só os parecidos se aceitam. A aceitação do diferente é fonte de pacificação.

É preciso aceitar os meus limites e os dos outros. Para isto acontecer é preciso conversão real e profunda do nosso ser: tendo abertura para com o outro.

No diálogo religioso não há proximidade. É preciso haver mais tolerância de nossa parte.

Quando se faz o bem não há distanciamento, há respeito, aproximação.

Nas paróquias há padres preocupados consigo mesmos.

Há um desrespeito implícito, indiferença, não querer diálogo, nem entre os próprios padres diocesanos.

Podem ficar juntos, mas cada um faz o que quer: há muito individualismo: padre que se fecha no seu mundo.

Na inculturação:

Houve várias experiências partilhadas, umas edificantes, outras frustrantes

O carisma da fraternidade estimula a inculturação, a ocupar sempre o último lugar, a tornar-se universal.

Fazer experiências sem aparecer, sem chamar a atenção.

O espírito de fraternidade ajuda a ser mais tolerante, a perdoar, a assumir as realidades mais pobres. Torna-se uma escola de irmãos.

É preciso aproximar-se com caridade dos irmãos mais difíceis; interessar-se pelo bem do outro.

Falta uma espiritualidade mais trinitária, espírito de comunhão e participação.

Falta despojamento, esvaziar-se, desprender-se.

Há dificuldade de acolher o outro na sua diferença; é preciso saber perder, contribuir para um relacionamento melhor.

Um grande problema: “temos ânsia de resultados”. É preciso ter paciência e tolerância com o outro.

Acolher a diversidade sem perder nossa identidade

É difícil aceitar o diferente quando o mesmo impõe suas idéias sem respeitar a dos outros;

Postura moralista na cultura impede a abertura para com os outros, principalmente no ambiente de Igreja.

Em relação às religiões diferentes: Existe reação negativa das Igrejas Pentecostais. Deve-se ter uma atitude de clareza diante da diferença, e evitar as críticas.

Devemos inspirar o povo com pensamentos de unidade...

Você é um homem/mulher de vento?

Somos um pouco loucos pois desde que entramos no seminário deixamos muitas coisas: nossas famílias, possibilidade de se ter uma família, trabalho, nossos sonhos e etc...

Deixamos tudo por algo maior; seguir a Cristo e ao seu Evangelho é sempre correr riscos.

Você corre algum risco?

Risco ao se tornar padre: o risco é que tipo de padre vou ser? Que rosto o padre deve demonstrar? Estar comprometido com a realidade sofrida das pessoas pobres, necessitadas, inseridas na realidade do povo sofrido? Ou me acomodar e permanecer somente com as pessoas importantes, sendo solidário só com quem queremos bem e gostamos?

Corre-se o risco de deixar de lado quem de fato precisa de nós.

Não se é livre totalmente; viemos de uma formação presbiteral com exitos e falhas, temos um lado humano frágil.

Nos seminários discute-se a formação dos futuros presbíteros. Nem sempre há preocupação em contribuir com a própria formação: recebe-se tudo muito fácil. Há assim o risco de aburguesamento na vida presbiteral. Há carência de referenciais, modelos de padres para se ter boa formação.

Os seminaristas precisam inserir-se mais na realidade sofrida do povo.

A formação nos seminários é ainda padronizada e não atinge o cotidiano das pessoas, não desperta a solidariedade dos futuros presbíteros.

Há trabalhos pastorais que estão dando bons resultados.

Riscos na política: luta contra os poderosos (políticados).

Riscos na própria Igreja: no relacionamento com os próprios cristãos católicos.

Riscos na luta contra a ideologia dos pastores das Igrejas evangélicas.

Riscos na liturgia: quando não se está preso aos leis da liturgia romana.

Loucura para o mundo é a própria vida presbiteral.

O ser cristão, o próprio fato de colocar Jesus no centro da vida.

Quando se é muito entusiasmado por alguma realidade.

Temas para Assembléia Internacional:

Como resistir à pressão externa do neoliberalismo?

Como ser homens e mulheres do vento?

Como ser homens e mulheres da eucaristia?

A mística do Ir. Carlos enquanto alimenta a profecia e a solidariedade – principalmente com a pobreza da África – e com toda a criação.

Respostas dos participantes do Retiro Anual de 2005, em Hidrolândia, GO